



**IVAN JAF** 0  
VAMPIRO  
QUE DESCOBRIU  
O BRASIL

**Ilustrações**  
**ALEX SENNA**

**Nova edição**

**ea**  
editora ática

# O VAMPIRO QUE DESCOBRIU O BRASIL

© Ivan Jaf, 1999

Direção Presidência	Mario Ghio Júnior
Gerência editorial	Cintia Sulzer
Coordenação editorial	Fabio Weintraub
Edição	Andreia Pereira
Planejamento e controle	Patrícia Eiras Adjane Queiroz
Arte	Daniela Amaral (ger.) Erika Tiemi Yamauchi (coord.) Nathalia Laia (assist.)
Projeto gráfico	Nathalia Laia
Diagramação	Katia Kimie Kunimura
Revisão	Hélia de Jesus Gonsaga (ger.) Kátia Scaff Marques (coord.) Rosângela Muricy (coord.) Ana Paula C. Malfa Claudia Virgilio Luís M. Boa Nova Malvina Tomáz Sandra Fernandez
Coordenação comercial	Carolina Tresolavy

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Jaf, Ivan, 1957-  
O vampiro que descobriu o Brasil / Ivan Jaf ;  
ilustrações Alex Senna. - 7. ed. - São Paulo : Ática, 2019.  
il. - (Memórias de vampiro).

ISBN: 978-85-08-19438-4

1. Literatura infantojuvenil I. Senna, Alex  
(ilustrador). II. Título. III. Série.

2019-0306

CDD: 028.5

Julia do Nascimento - Bibliotecária - CRB-8/010142

ISBN: 978-85-08-19438-4

CL: 742403

CAE: 661278

2019

7ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A., 2019

Avenida das Nações Unidas, 7221

Pinheiros - São Paulo, SP - CEP 05426-902

Atendimento ao cliente: 4003-3061 - atendimento@aticascipione.com.br

Conheça nosso portal de literatura Coletivo Leitor:

[www.coletivoleitor.com.br](http://www.coletivoleitor.com.br)

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



*Ter um destino é não caber no berço  
Onde o corpo nasceu.*

Miguel Torga

# SUMÁRIO

<b>1</b>	Vinte e nove anos de bacalhau. ....	<b>7</b>	<b>7</b>	Traidor aos pedaços. ....	<b>26</b>
<b>2</b>	Imortal, nem morto! .....	<b>10</b>	<b>8</b>	Vendo nuvens. ....	<b>29</b>
<b>3</b>	Problemas na saída. ....	<b>13</b>	<b>9</b>	Jumenta nervosa. ....	<b>33</b>
<b>4</b>	Depois do fim do mundo. ....	<b>15</b>	<b>10</b>	Muita revolta para pouca pólvora. ....	<b>35</b>
<b>5</b>	Topada eterna. ....	<b>18</b>	<b>11</b>	O mundo gira e os lusitanos rodam. ....	<b>40</b>
<b>6</b>	Mordendo mula. ....	<b>22</b>	<b>12</b>	Quem é eterno sempre aparece. ....	<b>43</b>

**13** Maneiras de suportar  
a vida eterna. .... 46

**14** Dança  
de vampiro. .... 50

**15** À beira  
do abismo. .... 54

**16** Trocando  
de dono. .... 58

**17** Cumprimento  
perigoso. .... 61

**18** Um novo  
vampiro. .... 64

**19** No Brasil, o provisório  
dura muito. .... 70

**20** Sem ter  
onde morder. .... 74

**21** A imortalidade  
plastificada. .... 77

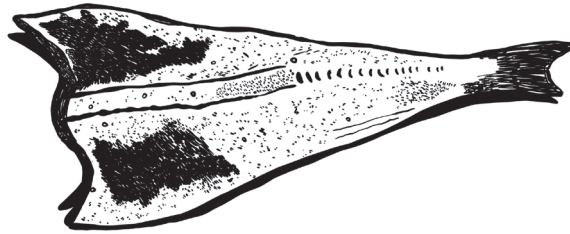
**22** Bigode  
suspeito. .... 80

**23** Final de  
milênio. .... 82

**24** Uma visita  
importante. .... 85



## Vinte e nove anos de bacalhau.



**Pensando no que** lhe acontecera nos últimos quinhentos anos, Antônio Brás concluiu que a vida eterna não valia uma lasca de bacalhau frito no azeite. Como aquelas que preparou na noite de 20 de fevereiro de 1500, para depois que fechasse sua tasca, na praça principal de Restelo.

O movimento aumentara muito naquele pequeno ancoradouro, a pouco mais de uma légua de Lisboa, desde que o navegador Vasco da Gama tinha voltado, oito meses antes, com a notícia de que afinal encontrara um caminho marítimo para as Índias.

Desde então, abastecia-se ali a maior armada portuguesa de todos os tempos. Dez naus e três caravelas, dispostas a voltar e impressionar os hindus, com armas, ouro e capitães de linhagem nobre, conseguindo com isso o monopólio do comércio da região.

Antônio não se importava com nada daquilo. Sobre política, bastava-lhe saber que o rei chamava-se D. Manuel, o Venturoso, e que não devia falar mal dele.

Nem tinha tempo. Trabalhava desde os primeiros raios de sol até o último freguês ir embora, tarde da noite. Só então fechava a porta e sentava-se com uma caneca de vinho tinto rascante e uma panela de lascas de bacalhau.

Mas, naquela noite fria de final de inverno, um único homem permanecia sentado, calado, com uma expressão furiosa, e não havia meio de ele ir embora.

Ele o teria despachado, nem que arrastado pela barba, mas soube que se tratava de um famoso e respeitado comandante de caravelas, com várias viagens às feitorias das costas africanas e muitos serviços prestados à Coroa.

Acabou tomando coragem e informou:

— Senhor... estamos a fechar.

O comandante o olhou com raiva, os olhos se transformaram em duas bolas vermelhas brilhantes, a boca se abriu e os dois caninos superiores cresceram.

Antônio ia dizer que tudo bem, podia ficar mais um pouco, mas o homem avançou em sua direção e o prendeu num abraço apertado.

Achou que o sujeito era só mais um maluco, como tantos que apareciam por ali, e ia amassar aquela cara estúpida com uns bons socos... mas então sentiu a dentada no pescoço.

Tentou se desvencilhar. Não pôde. Os caninos furaram sua pele. O sangue espirrou, escorreu por seu ombro.

Enquanto era sugado, a dor passou. A sensação de dormência tomou seu corpo. No silêncio, seu coração batia no mesmo ritmo do outro, como o eco de um tambor. Viu pedaços de sua vida, imagens da infância, seus pais já mortos lavando o chão da casa... As pernas e os braços balançavam, sem vida... Até ser solto, desabar nas pedras encardidas do chão e ouvir o bater de grandes asas se afastando na noite.

Abriu os olhos com dificuldade e viu o teto negro de fuligem do fogão a lenha. Custou uma eternidade para pôr-se de pé, escalando cadeiras e mesas, as pernas bambas se recusando a sustentar o corpo. Passou a mão no pescoço e sentiu os dois furos e o sangue coagulado.

*Diabo de freguês maluco. Quem me manda trabalhar num porto?*

Fechou a porta, encheu a caneca de rascante e pegou uma grande lasca de bacalhau. Tomou um gole e mastigou.

Vomitou em seguida.

Antônio Brás faria 30 anos em breve. Comia bacalhau havia 29 anos e aquilo nunca tinha lhe acontecido. Tentou de novo e mais uma vez vomitou.

A partida da grandiosa esquadra estava marcada para 8 de março. Filas intermináveis de carregadores entravam e saíam dos navios. Antônio não tinha tempo nem de se coçar. Passava os dias na tasca, servindo os fregueses, e tudo parecia normal, a não ser pelo fato de não conseguir mais beber nem comer.

Sentia-se bem-disposto. Com energia demais até. Ia de mesa em mesa com uma velocidade espantosa, era capaz de ouvir vários pedidos ao mesmo tempo e chegava a adivinhá-los.



No terceiro dia após o incidente com o comandante, com o sol já transformando em lama as últimas neves do inverno, saiu para pegar uma encomenda de salame e voltou com a pele estranhamente empolada.

No dia seguinte, todo o seu corpo doía e sentia-se muito fraco.

Depois que o último freguês se foi, encostou-se no balcão e percebeu que não respirava!

Uma ratazana subiu no fogão, atrás de calor e restos de comida. Voou sobre ela, agarrou-a com as duas mãos e mordeu-lhe a barriga.

O sangue inundou sua boca. Bebeu como pôde, rasgando-a cada vez mais com os dentes, e terminou torcendo-a como uma camisa molhada para sugar até a última gota.

A força voltou. E com ela a consciência do que acabara de fazer!

Correu apavorado para fora da tasca. Atravessou a praça deserta. Um vulto magro, com um longo manto negro, saiu de trás do carvalho, agarrou-o pelo pescoço e o arrastou tão rápido que pareciam voar.